

## Heterotopias e utopias da Orquestra Errante

(ou... Mas, afinal, como é um “ensaio” de improvisação livre?)

Stênio Biazon  
PPGMUS/ECA-USP  
[steniobaq@msn.com](mailto:steniobaq@msn.com)

**Resumo:** Neste artigo trato de como se dão os encontros semanais, ou “ensaios”, da Orquestra Errante, grupo de improvisação livre do Departamento de Música da ECA-USP, coordenado pelo professor Rogério Costa. Aqui utilizo as noções de *utopia*, *heterotopia* e *espelho* (FOUCAULT, 2002 [1967]) para tratar de *como se opera* nestes encontros. Na pesquisa de mestrado em andamento “Improvisações livres enquanto heterotopias anarquistas situadas na sociedade de controle: hipóteses sobre como operam os grupos Orquestra Errante e Coletivo Improvisado a partir de seus exames das performances” estas noções têm sido discutidas em vários sentidos. Neste artigo apresento um recorte. Aqui, *utopia* refere-se àquilo que supostamente buscam os(as) *errantes* (maneira como chamamos os membros do grupo), e que estaria associado a (poder) realizar ‘todas’ as opções sonoras e interativas. A *heterotopia*, por sua vez, é tratada neste artigo no sentido da *presentificação* de *desejos* que emergem durante os “ensaios”, no próprio espaço (um *lugar real*) onde estes acontecem. Por fim, o *espelho*, experiência mista entre as duas anteriores, é aqui referido para sugerir que os(as) *errantes* olham (*escutam*) o *irreal* que nele está refletido (as *utopias* relacionadas a ‘todas’ as opções) e assim, *apercebem-se* no *lugar real* onde estão e no qual *inventam heterotopias*. Na pesquisa e também no presente artigo, isto é estudado a partir dos *exames* sobre as performances, isto é a partir daquilo que, durante os ensaios, os(as) *errantes* autoavaliam e autocriticam sobre o que improvisam e *desejam* (poder) improvisar.

**Palavras-chave:** improvisação musical livre; Orquestra Errante; heterotopia; utopia;

## A Orquestra Errante

A Orquestra Errante é um grupo experimental ligado ao Departamento de Música da Escola de Comunicações e Artes da USP, fundado e coordenado pelo compositor, pesquisador, professor e saxofonista Rogério Costa. A OE se dedica à prática da improvisação livre e faz parte do projeto de pesquisa sobre improvisação e suas interfaces (com a composição, filosofia, tecnologia, educação, história etc.) desenvolvido e coordenado pelo professor Rogério na USP. A Orquestra é composta por músicos oriundos dos cursos de graduação, pós-graduação, pós-doc e professores da USP. (COSTA, 2013, p. 279)

Para os estudos de minha pesquisa de mestrado, a qual é orientada por Rogério Costa, tenho assistido aos encontros semanais, ou “ensaios”, da Orquestra Errante. Na observação durante primeiro semestre de 2016, da qual decorre o presente artigo, procurei apenas observar aos encontros, evitando neles intervir explicitamente. Aos poucos a observação tem se tornado mais participante com a realização de perguntas aos(às) *errantes*. É também possível que a OE venha, durante a pesquisa, a realizar propostas elaboradas pelo presente autor.

As reflexões aqui apresentadas se dão a partir de pistas metodológicas de Foucault (2005a [1979], 2005b [1984], 2005c [1985]). A partir destas, opto, não tanto por tentar afirmar as *razões pelas quais se dão* as práticas de improvisação livre da Orquestra Errante, mas sim por descrever a *maneira pela qual* estas práticas se dão. Em outras palavras, tenho interesse naquilo que o autor chama também de *como opera*.

## Outros espaços segundo Michel Foucault

Este artigo baseia-se em três noções cunhadas por Foucault. São elas: *utopia*, *heterotopia* e *espelho*.

As **utopias são os posicionamentos sem lugar real**. São posicionamentos que mantêm com o espaço real da sociedade uma relação geral de analogia direta

ou inversa. É a **própria sociedade aperfeiçoada ou é o inverso da sociedade, mas** de qualquer forma, essas utopias são espaços que fundamentalmente **são essencialmente irrealis**. (FOUCAULT, 2002 [1967], p. 415, grifos meus)

Haveria também as *heterotopias*,

e isso provavelmente em qualquer cultura, em qualquer civilização, **lugares reais, lugares efetivos**. Lugares [...] que são espécies de contrapositionamentos, espécies de **utopias efetivamente realizadas** nas quais os posicionamentos reais, todos os outros posicionamentos reais que se podem encontrar no interior da cultura estão ao mesmo tempo representados, contestados e invertidos, espécies de **lugares que estão fora de todos os lugares, embora eles sejam efetivamente localizáveis**. (FOUCAULT, 2002 [1967], p. 415, grifos meus)

O autor, em seguida, apresenta o *espelho*:

acredito que entre as utopias e [...] as heterotopias, haveria uma [...] experiência mista, [...] o espelho. [...] [Nele] eu **me vejo lá onde não estou**, em um espaço irreal que se abre virtualmente atrás da superfície, eu estou lá longe, lá onde não estou, uma espécie de sombra que me dá a mim mesmo minha própria visibilidade, que me permite me olhar lá onde estou ausente: utopia do espelho. Mas é igualmente uma heterotopia, na medida em que o espelho existe realmente, e que tem, no lugar que ocupo, uma espécie de efeito retroativo; é **a partir do espelho que me descubro ausente no lugar em que estou porque eu me vejo lá longe. A partir desse olhar** que de qualquer forma se dirige para mim, do fundo desse espaço virtual que está do outro lado do espelho, eu retorno a mim e **começo [...] a me constituir ali onde estou**. (FOUCAULT, 2002 [1967], p. 415, grifos meus)

## ***Outros espaços inventados pela Orquestra Errante***

Os “ensaios” de improvisação livre, ao menos no caso da Orquestra Errante, não contam apenas com as chamadas *improvisações ‘totalmente’ livres*, também conhecidas como *sem proposta*. Neles realizam-se também *exercícios, jogos, ou propostas de improvisação*. Estas consistem na delimitação de regras temporárias para a realização de uma performance, que muitas vezes buscam determinado aprendizado.

Devo também acrescentar, os “ensaios” da OE, não consistem somente em realizar performances. Poderíamos lembrar Koellreutter, para quem, na realização da improvisação musical nos espaços pedagógicos, é importante “ensaiar, experimentar, refazer, avaliar, ouvir, criticar, etc” (apud BRITO, 2011 [2001], p. 47, 48). Entendo que o grupo em questão se relaciona com esta prática de maneira semelhante ao proposto pelo autor, sendo este *costume* – o da autocrítica e da autoavaliação – constituinte do *como operam* estes “ensaios”. Em minha pesquisa, escolhi a palavra *exame*, em referência ao *exame da jornada que acaba de transcorrer*<sup>1</sup>, para designar as autocríticas e as autoavaliações das performances. Esta noção fora cunhada por Foucault para compreender a chamada *cultura de si*, estando relacionada a uma das *heterotopias* estudadas pelo autor<sup>2</sup>. Um dos interesses de minha pesquisa consiste em, a partir da maneira pela qual os(as) *errantes examinam* suas performances, investigar se as improvisações musicais livres *inventam* (produzem, realizam) *heterotopias* – lugares de cultivo de *outros costumes*, *outras éticas* e da experimentação de *outras liberdades*. Deste interesse específico trata o presente artigo.

Aqui vou sugerir que os(as) *errantes* possuem suas *utopias* e, ao atravessarem *espelhos* – ao olharem para estas e **perceberem onde se situam em relação a elas** –, realizariam *heterotopias*, inventariam *outros espaços*. Isso se daria de maneira *heterocrônica*<sup>3</sup>, seria *outro tempo*. Em outras palavras, seria um recorte de tempo no qual se *presentificam*<sup>4</sup> liberdades *desejadas*.

---

<sup>1</sup> “Sêneca pretende ‘fazer o exame’ [...] da jornada que acaba de transcorrer; quer ‘inspecioná-la’; quer ‘retomar as medidas’ [...] das ações cometidas, das palavras ditas. A relação do sujeito consigo mesmo nesse exame não se estabelece tanto sob a forma de uma relação judiciária [...]; ela tem, ao contrário o aspecto de uma ação de inspeção, onde o controlador quer apreciar um trabalho, uma missão realizada.”(FOUCAULT, 2005c [1985], p. 66-7)

<sup>2</sup> “Dentre as diversas heterotopias descritas por Foucault [...] poderá ser acrescentada a da estética da existência, decorrente das últimas pesquisas sobre o cuidado de si, vida não apartada da sociedade e do Estado, na qual as pessoas se associam com base na razão do outro.” (PASSETTI, 2003, p. 311)

<sup>3</sup> “As heterotopias estão ligadas, mais freqüentemente, a recortes do tempo, ou seja, elas dão para o que se poderia chamar, por pura simetria, de heterocronias” (FOUCAULT, 2002 [1967], p. 418)

<sup>4</sup> Esta noção é recorrente nos textos de Passetti (2003) para tratar daquilo que se realiza no *presente* sem tanto pressupor preparações para um sonhado futuro. Noção relacionada a uma espécie de inseparabilidade entre meio e fim, inseparabilidade entre *maneira de operar* e *desejo*.

## Utopias da Orquestra Errante

Em contato com a OE, tenho procurado entender melhor suas *utopias*, i.e. aquilo que *desejam*<sup>5</sup> os(as) *errantes*. Uma noção que, para tal, tenho me utilizado seria a de *'todas' as opções*<sup>6</sup>. Falleiros, de quem depreendo esta noção, sugere que os(as) livre improvisadores(as) esperam, num certo sentido, que uma performance de improvisação musical livre *sem proposta* esteja aberta à *'todas' as opções* sonoras e interativas. A partir desta sugestão, tenho entendido que há nestas práticas ao menos dois modos, um tanto quanto indissociáveis, de se relacionar com *'todas' as opções*: o do aprendizado para o futuro e o da realização no presente (*presentificação*).

A maneira como se opera nos “ensaios” da Orquestra Errante remeteria, algumas vezes, ao *desejo* de aprender (i.e., preparar-se para a realização futura de) *'todas' as opções*. Num certo sentido, isto consistiria na busca por estar em condições de performar através de *'todas' as possibilidades* sonoras e interativas (até então conhecidas ou imaginadas) que venham a ser *desejadas*. Ainda que, como dito, os dois modos de se relacionar com *'todas' as opções* não sejam facilmente dissociáveis, outras vezes, os(as) *errantes desejam*, nem tanto preparar-se para realizações futuras destas *opções*, mas sim realizar **no presente momento** cada uma daquelas *opções desejadas*. As duas coisas distintas – **preparar-se para a realização** e **realizar no presente** – estariam relacionadas, por exemplo, na medida em que se entende que a **preparação para a realização futura** de uma *opção* sonora ou interativa **pressupõe** a **presentificação (realização no presente)** desta *opção*.

---

<sup>5</sup> “Tendo em vista a natureza dinâmica do processo de improvisação, podemos afirmar o quanto ele depende de um agenciamento do desejo e em que medida o desejo é a condição necessária e quase suficiente para este tipo de prática. [...] O desejo é o que move o processo” (COSTA, 2008, p. 90)

<sup>6</sup> “Com opções abertas para que haja uma crença na existência de *'todas as opções'* a serem escolhidas, representando o seu ponto máximo pela improvisação executada a partir de proposta nenhuma. Esta improvisação realmente *'livre'*, assim conceituada porque não partiria de nenhuma proposta, é a que se figura como mais distante da coerção da ação individual.” (FALLEIROS, 2012, p. 178)

## Os(as) errantes atravessam espelhos

O *espelho* sem dúvida auxilia a compreensão das *utopias* e *heterotopias*, além de mostrar como as primeiras são como horizontes para a *invenção* das segundas. Poderíamos compreender, segundo o que sugeri, que nas improvisações musicais livres sonha-se com um *lugar (irreal)* no qual ‘*todas*’ as opções sonoras e interativas são possíveis. Esta *utopia* de ‘*todas*’ as opções seria, do ponto de vista do *espelho*, o que move a *presentificação heterotópica* de **algumas** destas opções. Mas quais? Por exemplo, uma das “opções” comumente referidas na bibliografia é a da produção sonora chamada de *não-idiomática*<sup>7</sup>. De qualquer maneira, as **inúmeras** opções musicais *desejadas* e *presentificadas* nas improvisações livres importam para o presente artigo na medida em que dão pistas sobre *como se opera* na realização destas práticas. Em relação a estas opções, a noção de *espelho* também pode nos auxiliar. Primeiro, revisemos então no que consiste o *espelho*.

Foucault procurou mostrar como o *espelho* nos dá uma *imagem virtual* de nós mesmos(as). Isto é, ele permite que nos vejamos *ali onde não estamos*, num *lugar irreal*, numa *utopia*. Além disto, ao ver-se nesta *utopia* – e notar que ali não se está realmente –, aperceber-se-ia no lugar real no qual se está e **a partir deste lugar constituir-se-ia**. Neste sentido, o *espelho* possibilita que eu me aperceba onde não estou (e posso *desejar* estar) e, ao mesmo tempo, **onde realmente estou** (e **a partir de onde posso me constituir** conforme quero estar). Poder-se-ia, com isto, entender as *utopias* como parte das *condições de existência* das *heterotopias*: estes *outros espaços* são *inventados no espaço real da sociedade*, mas olhando para uma *utopia* da *sociedade aperfeiçoada* ou *invertida*.<sup>8</sup>

---

<sup>7</sup> A noção de *não-idiomático* vem de Derek Bailey, para quem, “[na improvisação livre,] idiomas particulares não são vistos como pré requisitos para o fazer musical, mas sim como ferramentas que, em qualquer momento podem ser usadas ou não...” (BAILEY apud COSTA, 2012, p. 65) Sobre a OE, Costa chega a considerar que “a prática criativa e experimental da OE é baseada na superação dos idiomas musicais tradicionais e na ideia de que qualquer som é passível de ser usado em uma performance musical.” (COSTA, 2013, p. 279)

<sup>8</sup> Para Passetti, é, inclusive, – ao menos no caso dos(as) anarquistas – o próprio *desejo utópico* o que move a *invenção* dos *outros espaços* onde são *presentificadas* liberdades, criados *outros costumes* e *outros* estilos de vida. (2003, p. 289).

Os(as) *errantes*, segundo a proposta deste artigo, ao olharem para as possibilidades musicais que *desejam* realizar, aperceber-se-iam ali **onde realmente estão e a partir de onde podem se constituir**. Quando olham para a *utopia* de ‘todas’ as *opções* musicais, percebem quais *opções* vêm sendo *presentificadas* e **a partir de onde podem se constituir** na *presentificação* de cada *outra opção* que *desejem*.

### ***Heterotopias inventadas pelas improvisações musicais livres***

Posso reiterar, são os *exames das [performances] que acabaram de transcorrer* o que traria à tona entre os(as) *errantes* suas impressões acerca daquilo que têm realizado: se possuem vícios, quais são suas dificuldades, quais são seus *desejos*, etc. Nos *exames* em questão, os(as) *errantes* autoavaliam e autocriticam suas *performances* a respeito: de como começam, de quanto tempo de duração possuem, de como terminam, das tipologias de produção sonora recorrentes, das modalidades de interação sonora, da escassez ou excesso de participação de cada *errante*, etc. A estes respeito, explicitam *desejos* específicos para as *performances* seguintes, mas também um *desejo* geral por certa variedade daquilo que se realiza. Explicitam o *desejo* pela *outra opção*, pelo *outro costume*.

Logo após um *exame de uma performance que acabou de transcorrer*, comumente a OE improvisa outra vez. Algumas vezes, o *exame* se trata apenas de “recomendações” para as *performances* seguintes, como “vamos procurar explorar [determinada possibilidade] e evitar [aquela que temos realizado mais]”. Outras vezes, *inventam-se* ou relembram-se *propostas* (os *jogos* ou *exercícios*) de improvisação: através de restrições explícitas, procura-se definir que realmente haverá a realização de determinadas *opções* musicais. Estas podem dizer respeito, conforme sugerido, à maneira de iniciar a *performance*, à sua duração, à sua terminação, às suas tipologias de produção sonora predominantes, etc.

Desse ponto de vista, o que procurei sugerir neste artigo é que haveria uma espécie de (importante) *utopia* de *‘todas’ as opções* nas práticas de improvisação musical livre. Seria, assim, esta *utopia* parte daquilo que torna **possível** a realização *heterotópica* de **algumas** desta *opções*, aquelas *desejadas* (premeditadamente ou não). Algumas vezes, conforme dito, isto se dá através das recomendações ou através da criação de *jogos (propostas)* de improvisação. Outras vezes, devo acrescentar, a *presentificação* das **inúmeras opções** se dá pela realização de uma *improvisação ‘totalmente’ livre (sem proposta)*, por exemplo, logo após a realização de uma *proposta*. Num certo sentido, poder-se-ia dizer, as *improvisações ‘totalmente’ livres* podem *presentificar* liberdades que não foram possíveis numa *proposta* anteriormente realizada (dadas suas regras e restrições). Noutro sentido, seria este um momento aberto às *outras opções* apreendidas anteriormente nas *propostas*.

De qualquer maneira, o que proponho é que as práticas de improvisação musical livre, principalmente quando inseridas numa *cultura de si* e no constante *exame de si* (e das performances), *inventam* (produzem, realizam) as chamadas *heterotopias*, *outros espaços*, lugares de *outros costumes* e abertos aos *desejos* daqueles(as) que ali se encontram.



## Referências

BRITO, Teca Alencar de. *Koellreutter educador: o humano como objetivo da educação musical*. - Peirópolis, São Paulo, 2ª edição, 2011 [2001].

COSTA, Rogério Luiz Moraes. A ideia de corpo e a configuração do ambiente da improvisação musical. *Revista OPUS*, Goiânia, p. 87-99. 2008.

\_\_\_\_\_. Na Orquestra Errante Ninguém Deve Nada a Ninguém ou... Como Preparar um Ambiente Propício à Prática da Livre Improvisação. *Revista Música Hodie*, Goiânia, V.13 - n.1, p. 278-286, 2013.

\_\_\_\_\_. A livre improvisação musical e a filosofia de Gilles Deleuze. *Revista Per Musi*, Belo Horizonte (MG), n.26, p.60-66, 2012.

FALLEIROS, Manuel Silveira. *Palavras sem discurso: estratégias criativas na livre improvisação*. Tese apresentada ao PPGMUS-ECA/USP, 2012, São Paulo (SP).

FOUCAULT, Michel. É inútil revoltar-se? In: *Ditos e escritos V*, Rio de Janeiro, Forense, 2005a [1979], p. 77-81.

\_\_\_\_\_. Foucault. In: *Ditos e escritos V*, Rio de Janeiro, Forense, 2005b [1984] p. 235-239

\_\_\_\_\_. *História da sexualidade, 3: o cuidado de si*. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2005c [1985].

\_\_\_\_\_. Outros espaços. In: *Ditos e escritos III*. Tradução, Manoel B. da Motta. Rio de Janeiro, Forense, p. 411-422, 2002 [1967].

PASSETTI, Edson. *Anarquismos e sociedade de controle*. São Paulo, Cortez, 2003.